

Literatura e autoritarismo em Georg Lukács

Jaime Ginzburg
UFSM

O objetivo deste artigo é estudar os fundamentos dos critérios de valorização estética em Georg Lukács, tendo em vista as relações entre esses critérios e o contexto opressor dos regimes autoritários na Europa. A hipótese de trabalho consiste em que as condições de determinação dos juízos de Lukács, que constantemente causaram polêmica nos estudos literários, estão diretamente articuladas com um esforço de resistência intelectual. Elas sofrem transformações ao longo de sua produção, que dialogam com mudanças importantes no ambiente histórico-cultural europeu.

O trabalho é orientado principalmente pela leitura de dois livros, História e consciência de classe e A destruição da razão, que servem como referência para reflexão sobre trabalhos de Lukács voltados para a teoria da literatura e a crítica literária.

1. Irracionalismo e nazismo

O livro *A destruição da razão*, de Georg Lukács, causa impacto em muitos sentidos. Redigido em 1952, tem como assunto central a formação de condições na Alemanha para a ascensão do nazismo¹. O autor acredita que a forte presença de irracionalismo na intelectualidade alemã está relacionada diretamente a essas condições.

¹ LUKÁCS, Georg. *The destruction of reason*. London: The Merlin Press, 1980.

Para defender a tese, propõe uma articulação entre filosofia e história. O livro leva à percepção de que a humanidade, ao permitir a destruição de valores referentes à sustentação do pensamento racional, cria condições para sua própria aniquilação. *A destruição da razão* é um livro sobre a destruição que a humanidade impõe a si mesma.

Nada parece importar mais a Lukács nesse livro escrito com rigor e preocupação, que a possibilidade de distinguir verdade e mentira, bem e mal, sem hibridismos ou meias palavras. Nada importa mais do que a construção de uma pauta ética capaz de distinguir critérios de validação na formulação de idéias².

Escrito em momento bem posterior ao consagrado *Teoria do romance* (1920) e ao controverso *História e consciência de classe* (1923), *A destruição da razão* é um livro fundamental para compreender a contribuição de Georg Lukács às Ciências Humanas, à Estética e à Teoria da Literatura. Não apenas porque revela amadurecimento profundo de problemáticas formuladas anteriormente, mas também porque estabelece com clareza uma das linhas condutoras do pensador: a aposta, inabalável, na possibilidade de mudança do processo histórico, através da compreensão da realidade, não por parte apenas dos intelectuais ou dos líderes políticos, mas dos homens comuns.

A filosofia da história inerente à produção de Lukács, de base marxista, que propõe a possibilidade de transformação da realidade, acionada pela tomada de consciência por parte dos homens, a respeito de suas condições de existência, desmontando os mecanismos de repressão e reificação, está associada diretamente à sua estética. A associação é sustentada pelo materialismo histórico dialético, que defende a possibilidade de articulação entre sujeito e objeto, entre o movimento de percepção da consciência, capaz de despertar de um estado de passividade, e o movimento da dinâmica social, das ações coletivas.

Uma das motivações mais importantes para o longo questionamento de Lukács no denso volume é a combinação de inteligência elevada e irracionalismo. Os pontos mais fortes de sua argumentação estão centrados no propósito de comprovar que grandes nomes de evidência do pensamento alemão estiveram deliberadamente interessados no irracionalismo. E atribui a esse interesse força de influência e legitimação para ações de Adolf Hitler.

O empreendimento pode soar arrogante e arriscado. Abalar nomes de prestígio da filosofia ocidental, conduzindo a leitura para mostrar suas inconsistências, é um desafio forte. Mostrar elos de continuidade pouco perceptíveis entre eles, através de analogias rigorosas, é ainda mais difícil. Remontar o processo do século XIX até o momento presente à escrita é tarefa enciclopédica. Contextualizar, no

² HELLER, Agnes. Lukács y la Sagrada Familia. In: FEHÉR, F. et alii. *Dialéctica de las formas. El pensamiento de la escuela de Budapest*. Barcelona: Península, 1987. p.186-7.

capítulo I, as bases na história alemã que levaram a sociedade e a elite intelectual a serem como são, sem dúvida, é um empenho digno de polêmica. No entanto, Lukács tem a inteligência de incorporar ao próprio texto os sinais de limitações de sua reflexão, os riscos de erro, as estratégias seletivas e as possibilidades de generalização a evitar. Guia o leitor em seus movimentos de recuo e avanço reflexivo explicitamente e discute o conhecimento prévio que dele espera. Isso cria para o leitor a exigência de um esforço duplo — respeitar a linha argumentativa, para permitir avaliar sua consistência, e ao mesmo tempo prever, entre capítulos e entre períodos, possibilidades de pontos lacunares com relação aos quais já foi alertado, mas com que não está necessariamente preparado para lidar.

Ao falar em irracionalismo, Lukács abarca uma série diversificada de elementos. Em algumas passagens do livro faz definições de seus critérios para caracterizar um discurso irracional, que estão dispersas e devem ser articuladas pelo leitor. Inicialmente, fala em arbitrariedade, contradições, argumentos sofisticados e sem substância. Mais adiante, vão sendo expostos outros componentes, de variadas naturezas. Futilidade, glorificação acrítica da intuição, epistemologia aristocrática, rejeição do desenvolvimento sócio-histórico, criação de mitos, obscuridade, introspecção, resistência intencional à possibilidade de responder problemas, e um princípio bergsoniano que, em Lukács, se torna lema conservador, a proposição de que, por trás da aparência de mobilidade da experiência, na verdade há uma realidade estática.

Ele adverte existe uma função básica para a filosofia irracionalista, considerada em geral: prover ao homem conforto filosófico, sensação de liberdade e de vigor intelectual, e ilusão de autonomia pessoal. Ao fazer isso, diz Lukács, são mantidas a dominação da burguesia reacionária e a submissão a ela da população. O trabalho filosófico do irracionalismo, para o autor, contém objetivamente a possibilidade de uma ideologia fascista e agressivamente reacionária.

Em *História e consciência de classe*, Lukács havia formulado o seguinte: “o problema da irracionalidade conduz ao problema impenetrabilidade de qualquer dado por conceitos do entendimento”, e à impossibilidade de aplicação de conceitos³. Na perspectiva do materialismo dialético, o autor defende aqui um dos princípios básicos para *A destruição da razão*, a necessidade de utilizar o racionalismo como método para perceber os dados objetivos como um sistema inteligível.

Levantando os antecedentes do irracionalismo desde a Antiguidade e a Idade Média, Lukács se ocupa da formação das idéias modernas desde a Renascença, comenta conflitos de filósofos com a tradição religiosa, examina autores como Pascal, mas está centralmente

³ LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. Porto: Escorpião, 1974. p.132.

interessado no que ocorre a partir da Revolução Francesa. Para ele, há um vínculo fundamental entre os passos de ascensão do capitalismo europeu e o estabelecimento de uma forma específica, moderna, de irracionalismo.

É desenvolvida no final do século XVIII uma forma nova de economia capitalista, em que é decisiva a relação entre a ciência, a tecnologia e as forças produtivas, com conseqüências sociais sem equivalentes no pré-capitalismo e na economia feudal. O emprego da ciência na formação de tecnologia industrial muda os paradigmas econômicos. Essa mudança qualitativa das relações entre conhecimento e produção de riqueza será decisiva para Lukács. Logo no início do livro fica clara a associação entre a crítica do irracionalismo e a crítica do capitalismo, ao fulminar William James, responsável pelas bases da ideologia do *self-made man* norte-americano. Segundo Lukács, James, como outros irracionalistas, propõe mitos como verdades, e rejeita a realidade objetiva e sua observabilidade racional.

Importa para Lukács que, diferentemente de situações historicamente anteriores, no capitalismo moderno, em especial a partir da Revolução Industrial, pela primeira vez, em sua opinião, uma classe oprimida — o proletariado — tem capacidade potencial de assimilar o modo de pensar de seus opressores, com um ponto de vista e uma visão de mundo independentes. Discutir a história da filosofia e problemas de teoria do conhecimento, nesse sentido, pressupõe uma possibilidade real de transformação histórica, conduzida pela classe oprimida. *A destruição da razão* investiga as condições em que, dentro da Alemanha, o pensamento conservador burguês construiu suas próprias resistências à formulação e aceitação coletiva da possibilidade de conhecimento e transformação da realidade. Ao fazer isso, o livro examina os mecanismos de auto-legitimação dos grupos dominantes, e a ausência de senso democrático da intelectualidade prestigiada. A valorização do irracionalismo consistiria em uma estratégia ao mesmo tempo epistemológica e política de sustentação da burguesia.

O livro não comporta qualquer ingenuidade quanto ao projeto iluminista. Com senso de concretude temporal e espacial na condução da reflexão sobre fatos e textos, Lukács lamenta as diferenças entre a formação do pensamento filosófico na França e na Alemanha, atribuindo à primeira condições mais favoráveis para o estabelecimento de uma política democrática⁴.

Lukács deixa claras em *A destruição da razão* várias marcas de indignação com pensadores prestigiados, como Schelling, que teria sido o primeiro a fortemente romper com o racionalismo cartesiano,

⁴ Esse assunto já havia interessado Lukács no estudo de 1907 sobre a filosofia romântica de vida. Conforme LUKÁCS, Georg. On the romantic philosophy of life. In: LUKÁCS, Georg. *Soul and form*. London: Merlin Press, 1974. p.42.

⁵ Na página 17, Bergson é apontado como uma das principais inspirações de Mussolini na Itália fascista.

Bergson⁵, Schopenhauer e Nietzsche, em razão das adesões destes à irracionalidade. Sua proposição não é de que tenha havido influência direta desses pensadores sobre o povo, como se a população pobre alemã fosse avidamente consumidora de textos de Nietzsche. Acredita que tenha ocorrido popularização demagógica de tópicos intelectuais. Lukács se vale de estratégias como a noção de vínculos subterrâneos entre ideologias valorizadas e doutrinas difundidas pela política (p.84).

Um dos núcleos da argumentação consiste em que a condução das massas ao fascismo é viabilizada por sua fácil adesão a discursos irracionais que se apresentam com valor de verdade, com aparência de sustentação firme. Esses discursos, na perspectiva de Lukács, não resistem à análise filosófica rigorosa, mostrando inconsistências, formulações vagas, indeterminações que colocam em risco a possibilidade de distinguir verdade e mentira.

Lukács vê a Alemanha como um “centro de hostilidade à razão”, mapeia seus movimentos de declínio intelectual, assinalando suas repercussões sociais, e quer, nessa perspectiva, investigar as conexões profundas entre a história das idéias e a conduta política dos segmentos da sociedade alemã. Para ele, o irracionalismo adotado pelos pensadores se converte, na difusão ideológica, em base para submissão ao autoritarismo.

Para explicar como a Alemanha teria se tornado esse centro irracional, Lukács remonta às origens da formação social do país. Sem pretender retomar linearmente toda sua narração, cabe ressaltar alguns aspectos fundamentais. O pensador recua ao século XVI e estabelece uma perspectiva, desde o início, contrastiva. A Alemanha teria uma singularidade em meio ao contexto europeu, e em particular diferenciação com relação à França e à Inglaterra. No processo de mudanças ocorridas posteriormente ao declínio do feudalismo na Idade Média, estas duas nações teriam conseguido constituir muito antes da Alemanha uma burguesia moderna. Entre os fatores que teriam prejudicado a nação alemã, estariam conflitos de guerra no século XVI e as mudanças econômicas decorrentes da ocupação das Américas e da Índia. Comparada com a França, a Alemanha tinha condições muito precárias de vida. Estas eram comandadas por uma burocracia ineficiente. O luteranismo teria cumprido o papel de desenvolver na população uma postura servil e submissa. Em termos gerais, do século XVI ao XIX, o que Lukács vê na Alemanha é, em escala única na Europa, uma enorme fragmentação social e ideológica, constituída objetivamente pela dispersão geográfica e política, que impedia qualquer senso de consciência da sociedade como um conjunto articulado.

França e Inglaterra teriam constituído condições de estabelecimento, com bases políticas e ideológicas, de unidade nacional, enquanto Alemanha e Itália padeciam de problemas estruturais internos. A Alemanha não tinha, como a França, um centro político e cultural ativo como Paris. O resultado da fragmentação era o despreparo da sociedade para a compreensão de suas próprias demandas e perspectivas. Lukács explica que a população era facilmente influenciável por propagandas, estava despreparada em termos de formação educacional para pensar sua condição de existência, e não tinha condições de lutar por seus próprios interesses.

No contexto histórico do período romântico, desorientada, a população assimilava a difusão de concepções da história alemã mistificadas, pautadas na “essência alemã” que teria tido um desenvolvimento glorioso. A história era apresentada e divulgada de modo falsificado e irracional. A unidade nacional foi imposta de cima para baixo, com conflitos pesados.

A política de Bismarck teria contribuído de modo decisivo para o irracionalismo, estando em sintonia com pensadores voltados para a atitude reacionária. A partir da instauração do Reich, na Alemanha teria se desenvolvido o capitalismo fortemente. Cria-se, então, na perspectiva de Lukács, uma terrível contradição entre economia e política. Enquanto a primeira se moderniza geometricamente, a segunda fortalece seu conservadorismo. A entrada no imperialismo leva a uma expansão econômica sem precedentes, e a Alemanha se torna a nação européia cujo capitalismo é, para Lukács, depois de séculos de precariedade, o mais voraz do continente.

Enquanto isso ocorria, intelectuais continuavam produzindo concepções históricas e sociológicas sobre a Alemanha, difundidas e propagadas, mantendo a noção da “essência alemã”. Para Lukács *as massas democraticamente não educadas* assumiam *memórias não democráticas* como suas, desprezando por isso a democracia, e incorporando simpaticamente o interesse pelo nacional-socialismo nos anos 20 deste século. Foi cultivada uma atmosfera de desespero, de pessimismo, de dependência social que tornava atraente o apelo à consolidação de um Estado autoritário. Desenvolvendo receptividade a doutrinas vinculadas a Nietzsche e Spengler, a população combina atribuição de verdade e desorientação irracional na vida real, segundo Lukács, em sintonia com princípios dos prestigiados autores. Padrões de conduta foram manipulados, graças às ideologias difundidas a partir de interesses da elite dominante. Nisso Lukács vê com convicção o efeito subterrâneo nas massas das ideologias que analisa no livro.

Filósofos teriam conseguido estabelecer premissas convincentes para discursos dedicados à resignação perante a realidade. O pessimismo irracional, defendido por intelectuais prestigiados, seria adotado por Hitler nas ruas. Sobretudo desde Nietzsche, a defesa da intenção de compreender o mundo racionalmente teria sido agredida e sucumbido ao desprezo. Um fator importante para a ascensão do nazismo, segundo Lukács, seria o fato de que, ambigualmente, o partido nacional-socialista se apresentava ao mesmo tempo como dotado de legitimidade por valores dominantes (conservador, portanto) e revolucionário. A aceitação do evidente paradoxo é plausível em um contexto de desespero, em que as superstições proliferam. O misticismo foi adotado em âmbitos educados e cultos, e estes contribuíram para a difusão entre a população. Como as superstições podem motivar inseguranças, e o desespero pôde ser fartamente explorado, Lukács vê nessa associação de elementos uma sólida base para a ascensão do nazismo e a hostilidade à razão na Alemanha, sempre salientando a convergência do processo político e da linha de conduta na história das idéias.

Lukács defende que o conhecimento não pode ter neutralidade política ou pairar acima da vida social. Não é possível compreender a diferença entre racionalidade e irracionalidade em termos puramente imanentes, fora de uma perspectiva social. Os critérios de verdade teórica deveriam estar associados à práxis, como define o materialismo dialético. Essas preocupações remontam à sua reflexão na década de 20 sobre os modelos científicos. Quando se apresentam fechados, sem considerar as condições materiais em que são propostos, explica em *História e consciência de classe*, renunciam a compreender a realidade. A ele incomoda particularmente que debates acadêmicos sérios sejam substituídos por distorções de fatos, calúnias e demagogias voltadas a polêmicas inócuas.

São fundamentais para Lukács as escolhas que fazemos sobre as condições de conhecimento da realidade. Com relação a esse aspecto, no livro, o primeiro pensador a ser examinado de maneira mais demorada é Schelling. Para Lukács, ele seria o responsável pela proporção que o idealismo conservador tomou na Alemanha (p.142). A proposição fundamental de Schelling seria a valorização da intuição como forma de conhecimento.

Schelling propõe que para chegar ao conhecimento não são provas concretas, meditações sobre conceitos, etapas para chegar a conclusões. O mundo é um fluxo amorfo apreendido pela intuição. Nesse fluxo, em que vida e morte se indistinguem, o conhecimento da essência só é possível para os que dispõem da capacidade de intuição. Esses, interpreta Lukács, são como escolhidos dotados de um traço

especial, para quem intuição e fluxo discursivo se misturam. Lukács localiza as raízes medievais da idéia, e atribui à posição de Schelling uma *aristocracia epistemológica*, pois o conhecimento só é dado a poucos. Nesse sentido, por contraste, elogia Hegel, que acreditava ser a dialética um princípio assimilável por todos. De acordo com Nicholas Tertulian, neste ponto, existe firme concordância entre Lukács e Theodor Adorno: ambos valorizam Hegel em detrimento de Schelling, com convicção vigorosa⁶.

Quando a burguesia se consolida na Alemanha, encontra sua expressão filosófica em Schopenhauer. Segundo Lukács, é com ele que a ação individual se desvincula claramente da base social. O indivíduo propõe a si como auto-suficiente, absoluto em si mesmo. O egoísmo burguês é formulado como atributo do homem em geral. A associação entre individualismo radical e pessimismo em Schopenhauer resulta em uma abstenção de interesse por toda atividade social, e por qualquer esforço em mudar a sociedade, sendo toda atividade política nesse sentido vã. O caráter radicalmente conservador de sua filosofia teria tornado o autor, conforme a interpretação de Lukács, o melhor suporte ideológico para o imperialismo alemão. O individualismo desenfreado das lideranças e da elite estaria inteiramente legitimado.

Schelling e Schopenhauer não se comparam a Nietzsche, nem em complexidade, nem em repercussão internacional. Testemunha do nascimento do Reich, Nietzsche tem uma produção que se altera ao longo dos anos e, para Lukács, é difícil captar sua unidade. Entre os traços que ressalta em obras de Nietzsche, estão: a opção pelo pensamento em aforismos, que permite, pela forma breve das unidades e pela multiplicidade, a manipulação de idéias de acordo com interesses contingentes de associação entre elas: a contrariedade a qualquer sistematização (em especial a hegeliana); a idéia de super-poder, associada a valores militares, com a determinação de que a ascensão do estado militar é a condição para sustentar a tradição e ter no horizonte um homem elevado e forte; a convicção de que existe refinamento cultural e moral em exercer brutalidade e crueldade contra os “alienígenas”, isto é, os diferentes, aqueles a quem se quer oprimir; a necessidade de, na alta civilização, haver trabalho livre para uns e trabalho forçado para outros; e a crítica da noção, defendida na Inglaterra, de representação popular na vida política. Lukács escolhe a dedo as citações comprobatórias de seus juízos, estabelecendo um fio condutor de reconhecimento do caráter autoritário das idéias nietzscheanas.

Depois de acompanhar a metódica crítica conceitual que Lukács faz de pensadores consagrados, passando pela discussão do darwinismo social, de teorias racistas, e de outras ideologias em circulação na

⁶ TERTULIAN, Nicholas. Lukács, Adorno et la philosophie classique allemande. *Archives de philosophie*. Paris: Centre National de Recherche Scientifique, 1984. T.47. C.2. p.189.

Alemanha, o leitor vai sendo aproximado, pouco a pouco, do passado mais recente, e encontra Adolf Hitler. Lukács não apenas demonstra a interiorização direta e indireta nas lideranças nazistas de idéias que foram produzidas por intelectuais de renome anteriormente estudados, como seleciona passagens de textos do próprio líder nazista para submeter à avaliação de sua irracionalidade.

Lukács contextualiza o assunto com rigor, e estabelece a diferença entre o discurso filosófico e o discurso político. Embora o segundo seja constantemente alimentado por motivos retóricos e estratégias persuasivas procuradas no primeiro, Lukács deixa claro que, para Hitler, não se tratava de modo algum de defender adesão a uma concepção de conhecimento ou de mundo, mas de definir o uso político que poderia ser feito de uma ou outra concepção. Tendo estudado demagogia anti-semita, o líder nazista encontrou nas ideologias raciais um meio atrativo de conquistar as massas e sustentar um imperialismo destrutivo, dedicado à aniquilação de outros povos.

Lukács resgata declarações de Hitler, das quais extrai observações fundamentais. O líder alemão acreditava que era importante ter um inimigo concreto, como forma de sustentação de poder. Desprezava manifestações emocionais do povo, preferindo a sobriedade, e considerando a conduta emocional “feminina”. O estabelecimento de sua autoridade resultava de uma combinação demagógica de uma abordagem intuitiva da questão racial com uma formação ideológica anti-semita, e uma determinação de que na alta civilização existem ainda homens considerados inferiores, tudo isso sendo disseminado por técnicas de propaganda cuidadosamente planejada. O super homem e a crueldade legítima de Nietzsche, a intuição de Schelling, o egoísmo de Schopenhauer encontram de fato certas afinidades, ressonâncias diretas ou indiretas nas manifestações do líder nazista.

Mantendo sempre a fidelidade ao marxismo, declarando fortemente sua indignação com o pensamento que se recusa a aceitar a dialética, Lukács procura desvendar as condições através das quais poderia dar visibilidade a uma experiência alternativa em que todo homem fosse capaz de compreender a realidade à sua volta e ser capaz de transformá-la. Logo depois de Hitler ser derrotado, e dentro da Guerra Fria, Lukács vai encontrar no romantismo, especificamente em suas tensões com o iluminismo, e em Schelling, especificamente em sua oposição ao pensamento dialético, as bases de um processo de constituição de uma sociedade suscetível a mitos, a dominações perversas e a lideranças assassinas.

A tese de Lukács é humanista, minuciosamente construída, detalhada e encadeada. *A destruição da razão* é um trabalho erudito de

elevadíssimo fôlego, trabalhado com coesão interna e minúcia rigorosa. Porém, o livro é incompreensível se não for percebido que sua trama de articulações é elaborada a partir de uma perspectiva contingente, que sinaliza a impossibilidade de compreender a enorme perda humana representada pela experiência da segunda guerra.

George Steiner assim caracteriza o texto:

*É a tentativa de um filósofo de resolver o mistério que Thomas Mann dramatizou em Doktor Faustus. Como se desencadeou a maré de negror na alma alemã? Lukács traça as origens do desastre até o irracionalismo de Schelling. Mas, ao mesmo tempo, insistiu na integridade e força vital dos valores humanitários.*⁷

Steiner discorda da interpretação que Lukács faz dos filósofos, considerando que a condenação de Kierkegaard e Nietzsche ao “inferno espiritual do pré-fascismo” são “falhas de visão” que “enfeiam” o texto; a causa dessas falhas seria a vontade inflexível de encontrar culpados, por sua crença na necessidade histórica. O argumento exige a aceitação de uma premissa passível de questionamento — a linha de continuidade. Schelling jamais poderia prever, em seus escritos filosóficos, entrando em conflito com Hegel, que sua defesa da intuição seria reelaborada por pensadores sociais racistas, e que estes serviriam de instrumento para um líder alemão ordenar massacres. Schopenhauer, por mais conservador que fosse, nunca teve intenções militares similares às de Hitler. Mesmo no caso de Nietzsche, o próprio Lukács admite ser tão grande a variação interna de posições ao longo de sua produção que seria imprudente desconsiderar suas contradições caracterizando seu perfil apenas em função das afinidades com o discurso fascista. Era preciso encontrar elos de causalidade que levassem à verdade objetiva⁸.

A destruição da razão é um livro que, mesmo com a força metálica da reflexão racional de um Lukács maduro e erudito, cede constantemente à melancolia inconformada. O autor quer explicar, com o rastreamento no passado, as origens do horror que no passado recente tinha dominado a Alemanha. A melancolia é percebida de modo mais claro justamente nos sinais de limitações de sua reflexão, mencionados anteriormente, na explicitação dos riscos de erro, de que foram utilizadas estratégias seletivas, de que há possibilidades de generalização a evitar, nos movimentos avisados ao leitor de recuo e avanço reflexivo.

⁷ STEINER, George. Georg Lukács e o seu pacto com o demônio. In: STEINER, George. *Linguagem e silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.291.

⁸ Idem, p.298. Com outros parâmetros, também Michael Lowy apresenta fortes restrições ao livro. Considera que Lukács elaborou uma concepção estreita do romantismo em *A destruição da razão*, tendo mantido uma relação muito ambígua com o movimento. Para Lowy, o livro apresenta a história do pensamento alemão desde Schelling como um imenso esforço de contrariedade à razão, tratando as correntes românticas como responsáveis por uma “irracionalização geral da história” e posteriormente pela ideologia fascista. LOWY, Michael. *Romantismo e messianismo*. São Paulo: Perspectiva, 1990. Conforme p.32-33 e 71-72.

2. A literatura contra o irracionalismo

O contexto de *A destruição da razão* tem afinidade de concepção com as condições de produção do gênero romance, em que um herói problemático busca sentido em um mundo desestruturado, conforme exposto na *Teoria do romance* escrita por Lukács⁹. Tal como no caso do romance, não há uma transcendência capaz de ordenar tudo, como no idealizado universo da épica grega¹⁰. No mundo moderno, o indivíduo é reduzido à condição reificada e o sentido de sua existência é dolorosamente posto em dúvida¹¹. Enquanto em 1920 o indivíduo em questão é um personagem de ficção, em 1952 o problema da dificuldade de estabelecimento de sentido para a existência é um problema propriamente histórico, de dimensões coletivas e políticas ostensivas. Enquanto o primeiro livro foi escrito no contexto da Primeira Guerra Mundial, o segundo elabora a experiência alemã após a derrota do nazismo. Longe de estar seguro, o livro deixa clara a possibilidade de renovação das forças autoritárias, e se propõe a buscar explicações para a constituição dessa experiência.

No entanto, não há convicções suficientes ou determinismo. Embora dotado de longo fôlego de reflexão e extremamente meticuloso, *A destruição da razão* não aponta caminho seguro algum. Nenhuma frase do livro acentua que, se a razão tivesse prevalecido sobre a irracionalidade na história das idéias alemãs, não teria ocorrido o nazismo. Nenhuma ingenuidade o faz crer que na França, em que o iluminismo teve desenvolvimento diferente e alcances de influência mais amplos, estaria excluída a possibilidade de desigualdade social ou de irracionalismo.

Ao condensar uma avaliação sistemática de documentos filosóficos e uma narração sintética da história da Alemanha, estabelecendo vínculos insuspeitados entre intelectuais e sociedade, Lukács faz um trabalho que não se distancia do historiador, calcado no materialismo dialético, que quer compreender a luta de classes. Confrontos entre grupos estão presentes em *A destruição*, apontados em datas e locais. Agradava a Lukács que o escritor realista agisse como “historiador”¹². No entanto, não há no fio condutor da obra personagens ficcionais configurados como heróis problemáticos, mas a própria massa de alemães destituídos de educação digna, perdidos entre alternativas duvidosas de futuro. Uma passagem do livro *Teoria do romance* deve ser recordada neste momento. No capítulo dedicado ao livro de Goethe *Wilhelm Meister*, Lukács explica o que há de original na forma do romance, em contraste com o universo da epopéia grega. Para explicar a importância da ironia no livro, Lukács aponta que é preciso considerar

⁹ LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Lisboa: Presença, s.d. p.109-110.

¹⁰ Idem, p.50.

¹¹ Idem, p.98-103.

¹² LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p.31-2.

um elemento novo — “a hierarquia irracional e não racionalizável das estruturas sociais e das suas diversas camadas, conforme são mais ou menos permeáveis ao sentido”¹³. Longe de ser casual, a adjetivação “irracional e não racionalizável” chama a atenção para a necessidade formal, no romance, de formular as condições de funcionamento da sociedade tendo em conta sua irracionalidade estrutural e, mais do que isso, adequando a forma a essa irracionalidade. O período a que se vincula *Wilhelm Meister*, em termos de contextualização histórica, está muito próximo do mesmo em que Schelling formula a sua filosofia voltada para a intuição. A valorização de Goethe por conseguir encontrar, através da ironia do romance, uma maneira de representar a irracionalidade das estruturas, é inteiramente complementar e coerente com relação ao ataque a Schelling. O modo de formular o problema, por parte do Lukács, não apenas acentua que o problema, em termos literários, parte de um desafio das próprias estruturas sociais, que não permitem racionalização, como aponta a dificuldade de atribuir sentido ao que é representado. Na *Teoria do romance*, mais especificamente na leitura de Goethe, portanto, Lukács vai formular sua percepção de uma irracionalidade inerente à sociedade alemã, o que consiste em um ponto importante de continuidade em seu exercício de reflexão.

Em 1938, Lukács escreveu o ensaio *Marx e o problema da decadência ideológica*. Nesse texto, encontramos a seguinte reflexão:

O irracionalismo como concepção do mundo fixa esta vacuidade da alma humana de qualquer conteúdo social, contrapondo-a rígida e exclusivamente ao esvaziamento, igualmente mistificado, do mundo do intelecto. Assim, o irracionalismo não se limita a ser a expressão filosófica de cada vez mais intensa barbarização da vida sentimental do homem, mas a promove diretamente. Paralelamente à decadência do capitalismo e à agudização das lutas de classe em decorrência de sua crise, o irracionalismo apela — sempre mais intensamente — aos piores instintos humanos, às reservas de animalidade e de bestialidade que necessariamente se acumulam no homem em regime capitalista. Se as mentirosas fórmulas demagógicas do fascismo, invocadoras do “sangue e do solo” puderam encontrar uma tão rápida difusão nas massas pequeno-burguesas seduzidas pelo fascismo, é grande a responsabilidade que recai objetivamente sobre a filosofia e a literatura da decadência, que evocam estes instintos nos leitores e contribuem de fato para os cultivar, se bem que,

¹³ LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. op.cit. p.162-3.

*na maioria dos casos, não pensassem sequer longinquamente nas aplicações práticas que deles faria o fascismo, e inclusive — muito freqüentemente — chegassem mesmo a rechaçá-las com indignação.*¹⁴

¹⁴ LUKÁCS, Georg. Marx e o problema da decadência ideológica. In: LUKÁCS, Georg. *Marxismo e teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p.69.

Encontramos na passagem a antecipação de alguns dos pontos fundamentais de *A destruição da razão*. O autor defende que o irracionalismo afasta o indivíduo da base social da experiência (problema aprofundado no estudo sobre Schopenhauer) e promove a degradação humana. Associa irracionalidade e capitalismo (como faz nos comentários sobre William James). Está convicto de que o pensamento irracional está associado à persuasão que fascistas conseguem ter na comunicação com as massas, tal como no seu capítulo dedicado a Hitler no livro de 1952. Coerentemente, estabelece o conceito de luta de classes e os referenciais marxistas como base para formulação do problema.

O ponto a enfatizar é “a responsabilidade que recai objetivamente sobre a filosofia e a literatura da decadência”. Em *A destruição da razão*, Lukács está dedicado a trabalhar com história da filosofia, e a literatura, embora não esteja ausente da reflexão, não a centraliza. Pode-se perceber que para o autor, em 1938, a filosofia e a literatura estão colocadas lado a lado, como tendo um peso equivalente de responsabilidade na difusão do fascismo. A data do texto, no caso, é fundamental. O autor ainda não tinha conhecido os horrores de que Adolf Hitler viria a ser capaz nos anos 40. Mesmo assim, já fala com convicção sobre a conexão entre a intelectualidade e o impacto do fascismo nas massas, como se sondasse no espaço à sua volta um movimento de crescente barbárie.

É importante ressaltar que, quando Lukács escreve *A destruição da razão*, ele mesmo já tinha se tornado parte da história das idéias, ele mesmo já tinha entrado em conflito direto com outros pensadores. Assim, seu empreendimento é ao mesmo tempo teoria e aplicação, exposição conceitual e trabalho reflexivo, em coerência — ele defende dentro do livro que os critérios de formulação da racionalidade devam ser examinados em perspectiva social, e é isso que põe em prática em seu próprio trabalho. A respeito da condição intelectual necessária para a postura crítica, o autor expõe que, se queremos nos tornar aptos a entender o modo como idéias reacionárias invadem nossas mentes, e se queremos tomar distanciamento crítico de preconceitos, isso somente pode ser conseguido com “um trabalho duro, um abandonar e um ultrapassar da imediaticidade, um pesar e medir de todas as vivências subjetivas (...) tomando como referência a realidade social, um prescrutar mais profundo da realidade”¹⁵.

¹⁵ LUKÁCS, Georg. Trata-se do realismo! In: BARRENTO, João, org. *Realismo, materialismo, utopia*. Lisboa: Moraes, 1978. p.44.

Salta aos olhos, sobretudo nos dois capítulos finais, a enorme importância que o momento presente tem para que ele estabeleça seus próprios critérios de valor. Depois de passar meticulosamente pela análise de filósofos consagrados, Lukács se detém na abordagem de discursos estritamente políticos. O propósito é explícito e justo, indicar a linha de continuidade entre posturas filosóficas e construções ideológicas. É inevitável, porém, o abalo diante do vigor de determinação em propor vínculos lógicos entre termos originalmente muito distantes entre si. Um estranhamento é suscitado pela escrita de Lukács, que utiliza procedimentos de crítica e pautas de valores similares para falar do filósofo romântico Schelling e do líder do nazismo Adolf Hitler.

Longe de ser uma falha ou um excesso, esse choque é a culminância de intenções profundas do livro, e a vertigem que o unifica. Não há final feliz na estória narrada por Lukács. A leitura do capítulo de Schelling, em razão da preocupação calculada do autor em manter textos e contextos articulados, é bem marcada pela visualização de uma Alemanha diferente daquela em que Lukács vivia. A seqüência de capítulos vai aproximando aos poucos o leitor do momento presente para o autor, início dos anos 50, pouco tempo depois da segunda guerra mundial. Lukács se revela não apenas um intérprete agudo da experiência recente da Alemanha, como está convicto de que o irracionalismo mantém sua permanência, como ameaça insuspeita. O título então se mostra não como uma hipótese, mas como, ao mesmo tempo, uma constatação de uma realidade em processo e um alerta quanto às possibilidades de futuro. Lukács estava particularmente preocupado com a Guerra Fria e a iminência do retorno da convulsão internacional. A irracionalidade a que atribuía responsabilidade por desumanização no passado estava à sua volta.

Comparando o texto de 1938 com o de 1952, é possível observar a continuidade argumentativa franca. No primeiro caso, o autor via o fascismo se consolidando; no segundo, lamenta os horrores que dele resultaram na segunda guerra. O problema básico permanece o mesmo — os danos causados pela difusão de idéias irracionais. Em 1938, no mesmo ensaio sobre Marx, Lukács comenta a respeito do papel dos escritores. Seus juízos de valor são claros. O autor se indigna com Rainer Maria Rilke e elogia Daniel Defoe. Logo após a passagem anteriormente transcrita, temos uma análise de um poema de Rainer Maria Rilke do *Livro das imagens*, sobre o estado de solidão de Carlos XII, rei da Suécia, em meio à vida guerreira. Lukács atribui ao poema de Rilke bestialidade e mediocridade, e ao autor a fraqueza de ter sido atingido pelo irracionalismo¹⁶. Quanto a Defoe, pelo contrário, defende:

¹⁶ LUKÁCS, Georg. Marx e o problema da decadência ideológica. op.cit. p.70-1.

*Que se recordem os horrores da época da acumulação capitalista na Inglaterra. Defoe, grande realista, descreveu, com amplo e profundo realismo, no admirável Moll Flanders, a vida dos homens triturados por este processo. O seu realismo traz o calor do seu grande amor pelo homem; a têmpera indomável de sua contraditória mas heróica protagonista só poderia nascer de um similar amor pela vida, que não se deixa ofuscar pelos horrores da sociedade.*¹⁷

¹⁷ Idem, p.89.

O artigo *Marx e o problema da decadência ideológica*, examinado sob essa perspectiva, permite a formula o de uma chave de compreensão dos juízos do pensador. O valor negativo de Rilke está em seu irracionalismo; o valor positivo de Defoe, em seu realismo. Os dois termos se opõem, como polaridades inconciliáveis. Enquanto Rilke contribuiria para a degrada o, Defoe, pelo contrário, ao descrever conseq ncias nefastas do capitalismo, realiza uma obra admirável. Por essa  tica, todo o vigoroso ataque ao irracionalismo em *A destrui o da razão* corresponderia coerentemente   valoriza o do realismo como concep o de arte.

Embora não confunda nunca arte com filosofia ou ciência, tanto nas suas reflexões sobre as possibilidades do conhecimento filosófico e do conhecimento científico como nas suas reflexões est ticas, Lukács se debate com um ponto constante – a capacidade de compreensão da realidade por parte do homem. Em *História e consciência de classe*, esse problema   um dos principais fios condutores da reflexão geral. O autor quer encontrar um caminho intelectual para permitir, na perspectiva do materialismo dialético, a compreensão da realidade, não com um fim em si mesma, mas com o objetivo de transformá-la — “para o método dialético, a transforma o da realidade constitui o problema central”¹⁸. Em sua opinião, o estudo válido se daria com orienta o marxista, contra o pensamento burguês, e procuraria examinar a *sociedade como totalidade concreta*. Isso depende de construir “uma situa o efetiva” em que seja “possível desmascarar realmente a ilusão e penetrar até a conexão com a totalidade”¹⁹.

¹⁸ LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. op.cit. p.18.

¹⁹ Idem, p.66.

  importante ressaltar de que ilusão Lukács está falando. Em sua percep o, em uma sociedade com luta de classes, a maioria oprimida pela classe dominante não tem consciência lúcida a respeito de sua condi o oprimida. A ausência dessa consciência apresenta como evidência natural ou irreversível uma condi o que na verdade   resultado, para o marxismo, de conflitos econ micos e políticos, e estabelecimentos de hierarquias de poder. Desfazer a ilusão consiste em trazer ao homem a lucidez com rela o aos mecanismos que constituem sua própria condi o de existência.

Nesse aspecto, é fundamental o conceito marxista de reificação. Em *História e consciência de classe*, Lukács transcreve termos do próprio Marx, de *O Capital*, para defini-lo.

*O caráter misterioso da forma mercantil consiste pois, simplesmente, no fato de ela revelar aos homens as características sociais de seu próprio trabalho como propriedades sociais naturais dessas coisas e, por conseguinte, também a relação social entre os produtores e o conjunto do seu trabalho, como relação exterior a eles, relação entre objetos. Por este quiproquó, os produtos do trabalho tornam-se mercadorias (...) e não é senão a relação social determinada dos próprios homens que para eles reveste aqui a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas.*²⁰

²⁰ Idem, p.100.

Desfazer a falsa percepção de que situações resultantes de relações sociais são situações naturais é tarefa do conhecimento racional da realidade. Enquanto as forças defensoras do capitalismo procuram manter os esquemas de dominação em favor de seus próprios interesses, caberia criar condições para desfazer esses esquemas, a partir de uma compreensão racional de como o sistema se constitui e funciona.

Na literatura, o problema seria formulado do seguinte modo. Em um artigo intitulado *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*, de 1945, ano de mudanças e renovações, com o fim da Segunda Guerra Mundial, Lukács se dedica, com empenho vigoroso, a explicar a especificidade e a importância dos escritores realistas.

*A concepção marxista do realismo é a do realismo da essência artisticamente representada. Ela representa a aplicação dialética da teoria do reflexo ao campo da estética. E não é acidental que o conceito de tipo seja aquele que com maior clareza evidencia tal peculiaridade da estética marxista. (...) Essa determinação marxista do realismo prolonga a linha que grandes mestres do realismo, como Fielding, adotaram na sua prática artística; esses mestres se intitulavam historiadores da vida burguesa, historiadores da vida privada.*²¹

²¹ LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. op.cit. p.31-2.

O artigo, embora se apresente como tendo o propósito de expor idéias de Marx e Engels no campo da estética, se converte em um dos textos em que, de modo mais sintético, Lukács estabelece determinações conceituais quanto à sua concepção de valor literário e suas prioridades na compreensão de textos. O termo *essência* se opõe no artigo à

aparência, indicando que a realidade a ser representada não é considerada em sua superfície, mas nas leis mais profundas de seu modo de funcionamento. Por essa razão, Lukács combate o naturalismo, que se ocuparia com a superfície, em detrimento da essência.

3. Critérios de valorização estética e função social

Além de combater o naturalismo, Lukács se opôs às vanguardas de virada de século, e de modo geral a todo o processo de fragmentação que percorreu a arte moderna. O juízo de valor sobre essas formas se distingue do emitido por autores que ele cita na *Estética* — Walter Benjamin, Hugo Friedrich — e por Ernst Bloch, a quem respondeu minuciosamente em um artigo publicado em 1938, em que claramente propõe a discussão de teoria literária como discussão política. Ao defender o realismo, Lukács sustenta que

*(...) mediante a compreensão das grandes épocas progressistas e democráticas na evolução da humanidade, que a obra de arte realista nos proporciona, é preparado, no íntimo das grandes massas, um solo fértil para a democracia revolucionária (...) Quanto mais enraizada neste solo se encontra a literatura de combate antifascista, tanto mais profundamente alicerçados serão os tipos exemplares e odiosos que ela cria — tanto maior será a sua ressonância no seio do povo.*²²

²² LUKÁCS, Georg. *Trata-se do realismo!* op.cit. p.62.

Em James Joyce e outros representantes da vanguarda literária, é preciso que o leitor tenha uma certa senha, segundo Lukács, para entender o “jogo” proposto pelo texto. Indignado, o autor declara: “a maioria das pessoas não pode aprender nada com a literatura de vanguarda”. A argumentação do autor, ao longo do artigo, prioriza a democratização do acesso à compreensão da realidade. De acordo com Prabhakara Jha, existe em Lukács uma indignação contra o crescimento desenfreado do capitalismo, fazendo aumentar uma sociedade de massas sem acesso à cultura erudita, misturando de modo confuso civilização e barbárie.²³

²³ JHA, Prabhakara. *Pour une sociologie du roman. D’après Lukács, Bakhtin et quelques autres. Diogène*. Paris: Gallimard, jan-mars 1985. n.129. p.67.

²⁴ LUKÁCS, Georg. *Cuestiones liminares de lo estético*. In: LUKÁCS, Georg. *Estética*. Barcelona: Grijalbo, 1966. V.I. p.381.

Na *Estética* Lukács recorre à *Poética* de Aristóteles, e associa a teoria do reflexo ao conceito de catarse. A interpretação do texto grego leva Lukács a defender que “a força pedagógica social da arte nasce de sua própria fruição estética”²⁴. Na perspectiva do materialismo

dialético com que trabalha, a *Estética* encontra na catarse uma mediação argumentativa importante. O momento de tomada de consciência do leitor de uma obra realista, que, na perspectiva dialética, permitirá desfazer o efeito danificador da reificação mercantil, abrindo condições para compreensão da realidade, é análogo ao momento de catarse. Guardadas as proporções entre os universos conceituais, a analogia se vincula ao papel libertário que Lukács quer atribuir à arte. Mais do que isso, uma função “pedagógica”, uma tomada de consciência como acesso a uma aprendizagem. Para Agnes Heller, Lukács priorizou um método que permitisse uma ligação firme entre a arte superior e o cotidiano, em que uma “recepção catártica” estimularia nos homens uma capacidade de intervir criativamente no âmbito das suas ações²⁵.

Se em *A destruição da razão*, como foi exposto anteriormente, Lukács defende a necessidade de utilizar o racionalismo como método para perceber os dados objetivos da realidade como um sistema inteligível, na *Estética*, o autor propõe: “A fidelidade à realidade objetiva não pode ser, pois, a fidelidade às singularidades; estas teriam que se generalizar, pelo contrário, energicamente, para poder se ordenar em um sistema”, sendo que este não deve nunca abandonar o terreno da vida concreta²⁶. Tanto para o racionalismo na filosofia, como para o realismo na arte e na literatura, é fundamental a percepção da realidade como um sistema, compreendido a partir de pressupostos dialéticos que ultrapassam a percepção superficial.

A teoria do reflexo, em que sustenta a valorização do realismo, é explicada detalhadamente no texto *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*. Para formulá-la, Lukács remonta à concepção de mimese em Aristóteles e à ação em Hamlet, de Shakespeare, em que uma peça é encenada dentro de uma peça. É preciso, para ele, evitar “qualquer tendência presa à reprodução fotográfica da superfície imediatamente perceptível do mundo exterior”²⁷. Segundo ele, “ocultos sob a capa dos fenômenos”, estão “momentos essenciais”, cabendo ao artista representar a dialética entre o fenômeno exposto à percepção direta e a essência, encontrada em um nível mais profundo:

*Tal dialética atravessa toda a realidade, de modo que, numa relação desse tipo, relativizam-se aparência e realidade (...) A verdadeira arte visa o maior aprofundamento e a máxima compreensão (...) A verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento.*²⁸

O conceito de *tipo* é fundamental para a sustentação da teoria do reflexo. Em uma obra de ficção, um personagem pode ser caracterizado

²⁵ HELLER, Agnes. Lukács y la Sagrada Familia. op.cit. p.186.

²⁶ LUKÁCS, Georg. La categoría de la particularidad. In: LUKÁCS, Georg. *Estética*. Barcelona: Grijalbo, 1966. V.I. p.240.

²⁷ LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. op.cit. p.26-7.

²⁸ Idem, p.29.

como um *tipo* se nele for configurada não uma singularidade individual definida de modo gratuito, mas uma unidade dinâmica em que as contradições sociais, morais e psicológicas de uma época estão articulados. De acordo com Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano, a tipificação não deve ser entendida como transcrição passiva de dados da realidade, nem representação de um termo abstrato médio, de uma caricatura. A construção de um tipo é uma operação que permite apresentar uma referência significativa, capaz de esclarecer os traços principais “de uma totalidade social e histórica determinada”²⁹. Nos termos de Lukács, “nos grandes romancistas, nem na ação nem na representação, o típico não significa a média; ao contrário, o típico se alcança pelo desvelamento enérgico das contradições que aparecem nos caracteres excessivos e nas situações extremas”³⁰.

²⁹ SARLO, Beatriz & ALTAMIRANO, Carlos. *Conceptos de sociología literaria*. Buenos Aires: CEAL, 1993. p.136-7.

³⁰ LUKÁCS, Georg. Nota sobre o romance. In: LUKÁCS, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1981. p.181.

Os escritores de ficção são tratados por Lukács como “historiadores da vida privada”. Hoje essa expressão, no âmbito acadêmico, tem estatuto disciplinar, e contempla uma área de conhecimento. Em Lukács, a expressão remete a procedimentos de elaboração ficcional que está valorizando prioritariamente. O assunto das obras realistas deve ser referente ao processo histórico-social — agradam a Lukács narrativas com relação às quais a atenção às personagens permita compreender com lucidez contradições e problemas referentes aos princípios de funcionamento da sociedade representada. Seu interesse recai sobre estórias em que a realidade é exposta não apenas em sua superfície, mas em seus elementos essenciais.

³¹ LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. op.cit. p.37.

Em sua argumentação, o escritor francês Balzac é apresentado como modelo de excelência literária. Sua obra consistiria em uma “defesa da integridade do homem durante a ascensão capitalista iniciada em França na época da Restauração”³¹. Lukács analisa em Balzac efeitos contraditórios do capitalismo. Por um lado, a superação do feudalismo; por outro, uma dilaceração do homem. Ao apontar a contradição, dando visibilidade a tensões que não são compreendidas com facilidade por homens que a vivem, Balzac contribui para uma “corrente progressista da evolução humana”. E sintetiza: “Grandeza artística, realismo autêntico e humanismo são sempre indissoluvelmente conexos”³².

³² Idem, p.39.

Nesse artigo de 1945, Lukács propõe a articulação entre arte e história em perspectiva epistemológica: “O humanismo socialista torna possível à estética marxista a unificação do conhecimento histórico e do conhecimento artístico, a contínua convergência na direção de um ponto focal do juízo histórico e do juízo estético”³³. De acordo com essa formulação, o valor atribuído a uma obra de arte não se dissocia nunca do conhecimento histórico. Portanto, essa formulação serve de

³³ Idem, p.41.

ponto de ligação entre termos que estão disseminados na produção de Lukács. “A crítica deve ser baseada, de todo modo, em um acurado e profundo conhecimento das realidades da história”³⁴. Julgar Defoe superior a Rilke, além de supor conhecimento sobre literatura, supõe necessariamente contextualização histórica e, mais do que isso, juízo histórico, o que implica uma capacidade de interpretação da história social com base em uma pauta de valores. Necessariamente, em decorrência disso, a compreensão das obras literárias deve levar em conta uma consciência sobre qual é essa pauta.

Essa premissa terá desdobramentos fundamentais na *Estética* de Lukács. Na parte dedicada à *autoconsciência do gênero humano*, o autor explica que para que um indivíduo compreenda sua própria condição deve ter em conta, seguindo a orientação marxista, a vida social. Por isso, a consciência individual é obtida por um processo de articulação dialética entre singularidade e generalização, em que as atividades individuais são observadas em sua natureza material e social³⁵.

Essa dialética pode ser obtida através do reflexo artístico das obras realistas. A passagem da superfície à essência exige recursos estéticos elaborados, como o emprego do *tipo*, anteriormente mencionado. O personagem típico, tal como Lukács definiu em 1945, elabora essa dialética entre singularidade e generalidade. O leitor pode perceber, em um personagem típico bem construído (Moll Flanders foi indicada como exemplo em 1938) contradições da sociedade observada em seu conjunto. Ele próprio, leitor, faz parte da sociedade cuja constituição é representada na obra. A tomada de consciência sobre sua opressão ocorre, portanto, no momento em que o processo dialético ocorre. Conforme na própria recuperação do pensamento de Hegel proposta por Lukács, ocorrem preservação, negação e passagem. O leitor toma conhecimento a respeito de como se caracterizará a realidade, estabelece a negação concebendo a possibilidade de uma diferenciação do sistema e faz a passagem a uma nova compreensão de sua própria condição, em que estão implicadas contradições do sistema que, antes de ler a obra, ele não teria percebido.

Como explica Lukács, o processo não é mecânico, imediato ou superficial. “Naturalmente, também aqui não se trata de cotejar, por meio de um procedimento mecanicamente fotográfico, os detalhes singulares observados antes na vida e depois na arte.” Espera-se “quando se produz a eficácia”, que “nasça freqüentemente uma luta entre experiências passadas e novas impressões provocadas pela arte”³⁶.

Lukács explica que o resultado do processo de interação com a obra é uma “unidade orgânica da interioridade do homem com seu mundo externo, ao dar forma a uma unidade da personalidade humana

³⁴ LUKÁCS, Georg. *Trata-se do realismo!* op.cit. p.63.

³⁵ LUKÁCS, Georg. *Problemas de la mimesis*. In: LUKÁCS, Georg. *Estética*. Barcelona: Grijalbo, 1966. V.I. p.249.

³⁶ LUKÁCS, Georg. *A arte como autoconsciência do desenvolvimento da humanidade*. In: LUKÁCS, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1981. p.199.

³⁷ LUKÁCS, Georg. La categoría de la particularidad. op.cit.p.235. O grifo na palavra “humanidade” é do próprio autor.

com seu destino no mundo, se produz a superação desses dois extremos em um mundo do homem, da *humanidade*³⁷. Entre o sujeito humano e o mundo objetivo à sua volta, se estabelece uma relação que, para ser compreendida pelo primeiro, exige necessariamente o esforço de passagem da superfície à essência, e da singularidade à generalização, com a percepção do funcionamento do sistema.

4. Totalidade e resistência crítica

Colocando o problema em termos coletivos, uma classe proletária capaz de tomar consciência de sua opressão através da leitura de obras literárias realistas, obtendo através do reflexo o desmascaramento da ilusão imposta no processo mercantil e a motivação da possibilidade de superação de limites, poderia perceber a si mesma como classe em uma nova condição, subvertendo as orientações opressoras do sistema. Nesse sentido, afastar a classe proletária desse horizonte libertário é prioridade para a elite dominante. É preciso evitar, do ponto de vista burguês reacionário, que o reflexo ocorra, que a catarse aconteça, que a história se mostre como resultado da ação de homens.

³⁸ LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. op.cit. p.87-8.

O processo de transformação social exige, como prerrogativa, a passagem do dado imediato, da percepção da superfície, à queda das “falsas máscaras”, convulsionando a sociedade com a força da ação consciente de confronto³⁸ — esse é um ponto determinante da sustentação dos argumentos de *História e consciência de classe*. Conforme Jameson, o conceito definido no título se refere à diferença de condições de conhecimento da realidade exterior, dependendo de qual a classe a que o indivíduo pertence, a burguesia ou o proletariado. O processo de transformação social é possível justamente na medida em que houver consciência de que o capitalismo é um fenômeno histórico que pode ser mudado desde seu interior, por ação de forças históricas³⁹.

³⁹ JAMESON, Fredric. Em defesa de Georg Lukács. In: JAMESON, Fredric. *Marxismo e forma*. São Paulo: Hucitec, 1985. p.144-6.

⁴⁰ LUKÁCS, Georg. Problemas de la mimesis. op.cit. p.209.

⁴¹ LOWY, Michael. *Romantismo e messianismo*. op.cit. p.129.

A credibilidade da argumentação de Lukács depende de uma categoria fundamental, que comparece freqüentemente ao longo de sua produção. Trata-se da noção de *totalidade*. Na *Estética*, o autor defende seu valor para a teoria do reflexo⁴⁰. Essa noção é herdada de Hegel, e na *Teoria do romance* já aparece como referência fundamental para pensar a integração entre imanência e transcendência, no estudo da epopéia. De acordo com Michael Lowy, nessa categoria estaria localizada a contribuição maior de Lukács, capaz de estabelecer “a relação entre as obras culturais e as correntes subterrâneas da realidade social”⁴¹. Terry Eagleton, ao comentar a teoria do reflexo, explica:

*Numa sociedade em que o geral e o particular, o conceptual e o sensual, o social e o individual são cada vez mais dissociados pelas alienações do capitalismo, o grande escritor une-os dialeticamente numa totalidade complexa. A sua ficção espelha assim, de forma microcós mica, a totalidade complexa da própria sociedade. Fazendo isto, a grande arte combate a alienação e fragmentação da sociedade capitalista, projetando uma imagem rica e multifacetada da integridade humana. Lukács chama a essa arte "realismo" (...)*⁴²

Em *História e consciência de classe* a categoria vai ser exposta com maior intenção de aprofundamento e concentração. Lukács propõe uma "concepção dialética da totalidade" que "se afasta da realidade imediata". Para o pensamento legítimo, "a totalidade concreta é, pois, a categoria fundamental da realidade"⁴³.

*(...) a categoria da totalidade não vai, pois, abolir os seus momentos constitutivos numa unidade indiferenciada, numa identidade; (...) eles (...) se deixam apreender como momentos dialéticos e dinâmicos de um todo (...) Esta permanente transformação das formas de objetividade de todos os fenômenos sociais na sua ação recíproca dialética contínua, a origem da inteligibilidade de um objeto a partir de sua função na totalidade determinada em que funciona, fazem com que a concepção dialética da totalidade seja a única a compreender a realidade como devir social. Somente nesta perspectiva as formas fetichistas de objetividade, geradas necessariamente pela produção capitalista, são dissolvidas (...)*⁴⁴

A totalidade é uma categoria imprescindível na teoria do conhecimento de Lukács pois ela permite compreender relações internas dentro de um conjunto. Sem a noção de totalidade dinâmica, não seria possível, nessa perspectiva, compreender as possibilidades de mudanças históricas na vida concreta, pois se os indivíduos forem elementos estanques uns em relação aos outros não é possível ponderar racionalmente resultados de empreendimentos conscientes nas relações que mantêm entre si, efeitos de ações individuais sobre a coletividade, de ações coletivas sobre cada indivíduo, sobre a coletividade como um todo, de um indivíduo de uma classe sobre outra classe, e assim por diante. Se a totalidade fosse estática, e não dinâmica, uma unidade indiferenciada seria tida como estável e não sujeita à transformação.

O horizonte de viabilização de ações políticas transformadoras depende fundamentalmente da concepção de totalidade. É imprescindível a

⁴² EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Porto: Afrontamento, 1978. p.43.

⁴³ LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. op.cit. p.24-25.

⁴⁴ Idem, p.28-29.

noção de “realidade como devir social”, passível de interferências e alterações, o que só é permitido se ocorrer ruptura com a força de reificação do capitalismo, que naturaliza as relações de dominação. O movimento operário, para Lukács, teria como finalidade última a “relação com a totalidade (...) considerada como processo”, sendo cada passo da luta de classes dotado de sentido⁴⁵. A definição de *sociedade*, a rigor, deve ser de uma *totalidade concreta*.

Em uma resposta a uma crítica de Ernst Bloch, Lukács declarou que a categoria *totalidade* deveria ser entendida fundamentalmente em termos históricos, e que a expansão do capitalismo — escrevia ele em 1938 — apenas confirmava a necessidade de pensar o funcionamento do mercado em seu conjunto⁴⁶.

⁴⁵ Idem, p.38.

⁴⁶ LUKÁCS, Georg. *Tra-ta-se do realismo!* op.cit. p.39.

5. Ética e História

Retomando as reflexões de *A destruição de razão*, é possível observar um aspecto importante. As expectativas de Lukács de capacidade de conhecimento e integração aos movimentos de transformação social dos indivíduos oprimidos formuladas em 1923 estão em confronto direto com as premissas do pensamento irracionalista que analisa em 1952. O egoísmo burguês atribuído à filosofia de Schopenhauer contraria totalmente o movimento de tomada de consciência do indivíduo de fazer parte de uma totalidade e de estar em relações desiguais com outros homens, dentro dessa totalidade. A valorização do pensamento fragmentário por Nietzsche e sua crítica aos sistemas filosóficos contrariam completamente o princípio básico do conceito lukacsiano. A atitude de Nietzsche de criticar a noção, defendida na Inglaterra, de representação popular na vida política é antítese exemplar das intenções de Lukács.

O autor declara em 1923, em *História e consciência de classe*, entusiasmado com as perspectivas do socialismo: “O proletariado alcançou a vitória na luta de classe não apenas na esfera de poder, mas ao mesmo tempo nesta luta pela consciência social, desagregando progressivamente, a partir dos últimos cinquenta ou sessenta anos, a ideologia burguesa, e desenvolvendo a sua própria consciência até fazer dela a única consciência social de futuro decisiva”⁴⁷. Esse entusiasmo cede lugar, décadas depois, à crítica da experiência política de Stalin. Na *Estética*, publicada em 1962, Lukács se esforça por distinguir firmemente Marx e Stalin, apontando no segundo discrepâncias de concepções políticas com relação ao primeiro⁴⁸.

⁴⁷ LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. op.cit. p.238. Segundo Michael Lowy, em 1919, alguns anos antes, Lukács estava convencido de que a revolução proletária ia conduzir rapidamente “ao paraíso na Terra”. LOWY, Michael. *Redenção e utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.129.

⁴⁸ LUKÁCS, Georg. *Cuestiones liminares de lo estético*. op.cit. p.566.

Nesse ponto encontramos o resultado de um trabalho dialético do próprio Lukács. Tendo defendido a ascensão do socialismo ao poder com veemência, e encontrado na experiência stalinista a negação dos princípios com que pressupunha inicialmente prever os benefícios políticos dessa ascensão, Lukács faz a passagem dialética para um momento mais amadurecido, de valorização da Marx com ponderações referentes à possibilidade de distorções na manipulação de suas formulações.

É fundamental, nesse sentido, compreender a *Estética* como momento de prioridades bem diferentes das apresentadas em *História e consciência de classe*. A ambição revolucionária que atravessa o livro de 1923 não é repetida em sua forma veemente e convicta. Em uma passagem da *Estética* em que analisa Goethe, encontramos uma declaração de princípios importante:

*(...) as exigências da ética se apresentam sempre como exigências do dia, do instante, da decisão, da eleição. Nestes atos a personalidade se constitui, se forma, se produz para a completude ou para a fragmentação e a ruína. (...) sua representação possível de sua própria personalidade se baseia em experiências passadas e em sua generalização, e casualmente também em desejos, sonhos, etc. ainda não submetidos a uma prática. Se o ato de sua decisão se orientara diretamente a uma preservação e confirmação, à promoção da personalidade com que ele mesmo se representa, poderia facilmente ignorar o essencialmente novo de sua decisão, e inibir ou até deformar a evolução de sua personalidade. (...) Seguramente é mais valioso eticamente e mais favorável à completude do homem que faça simplesmente em uma situação dada o que se exige dele (...) A ação ética é prática (...) Por isso a relação dos atos singulares com a realização última tem que ser (...) mediada dialeticamente (...) a prática ética se trata de uma autêntica realização da completude (...)*⁴⁹

Muito pouco nos termos dessa passagem lembra o Lukács de *História e consciência de classe*. As transformações do ser humano, passando de uma condição negativa (fragmentada, em ruína) para uma condição positiva (completa) dependem de suas decisões. Encontramos aqui a preferência de Lukács pela totalidade em detrimento da fragmentação, encontramos a noção de que o plano de ações transformadoras deve ser mediado eticamente, e encontramos a importância da ação

⁴⁹ LUKÁCS, Georg. La categoría de la particularidad. op.cit. p.242-4.

para a melhoria das condições de vida. No entanto, a ênfase dada na passagem não é de modo algum vinculada à luta de classes.

Ao centrar o foco de sua abordagem de Goethe na ética, Lukács muda radicalmente a condução da reflexão, em termos de estabelecimento de prioridades, com relação ao que defendia em 1923. E para entender isso é imprescindível considerar *A destruição da razão*. Para Heller, Lukács investia na verdade em uma “ética baseada na esperança marxista da total desalienação”⁵⁰, de impossível conciliação com práticas políticas que conheceu, em um contexto de “crescente penetração da barbárie na cultura”⁵¹. Lukács percebeu, pela experiência de Stalin, que a ascensão de representantes de ideais socialistas ao poder não corresponde ao atendimento de expectativas de Marx ou à realização concreta de valores humanistas. Mais ainda, percebeu, através do horror da segunda guerra, que as possibilidades de difusão do irracionalismo superaram as condições de sustentação da razão, fato que se vincula ao título do livro. As experiências do autoritarismo foram responsáveis por uma mudança de modo de formulação de convicções.

“Lukács sempre se julgou responsável perante a história”⁵². Porém, nada garante, como a ele a história provou, que o proletariado tenha na mudança do sistema uma base de integridade plena. Nada garante, também, que em um ambiente culto e rico, como a Alemanha imperialista no período de Nietzsche, não sejam difundidas idéias irracionais, destituídas de senso de interesse coletivo. Mais ainda, nada garante que a leitura de obras realistas seja capaz, em si mesma, de levar a ações justas. Uma percepção que ajuda a compreender a razão dessa ausência de garantias é precisamente a apresentada nessa passagem da *Estética*. O indivíduo é dotado de arbítrio. Ele pode tomar decisões, de acordo com diversos fatores, e nem todos os fatores podem ser efetivamente relevantes, nem todas as decisões serão necessariamente úteis para que o homem evite a ruína e busque a sua plenitude.

A *Estética* porta no seu interior, além da permanência e confirmação de fundamentos conceituais que Lukács defende desde seus primeiros trabalhos, a consciência de que as coisas mudaram, e uma valorização das exigências da ética como forma de emancipação humana. Influenciado por Engels, em *História e consciência de classe*, Lukács vai legitimar a violência como parte necessária do processo de transformação social. Entendia que a violência representava um modo de o proletariado suprimir a si mesmo, isto é, suprimir a representação de si como grupo dominado, escravizado pela reificação, na economia capitalista. Nada na *Estética*, nem em *A destruição da razão*, nem de longe, lembra essa posição.

⁵⁰ HELLER, Agnes. Lukács y la Sagrada Familia. op.cit. p.187.

⁵¹ LUKÁCS, Georg. Nota sobre o romance. op.cit. p.186.

⁵² STEINER, George. Georg Lukács e o seu pacto com o demônio. op.cit. p.300.

Nota do autor: este trabalho foi realizado a partir de debates promovidos pelo Grupo de Pesquisa Teorias da Literatura do Século XX, da PUC-RS, no ano de 2001. Esses debates tiveram como responsáveis as Professoras Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman, e como membros os Professores Antonio Sanseverino, Claudia Perrone, Nea Setúbal Castro e Rejane Pivetta Oliveira.

